

A ATUALIDADE DE MARX

Adriano Pereira SANTOS¹

Após a derrocada do socialismo realmente existente, pautado na experiência soviética, os apologetas do sistema ficaram bastante à vontade para decretar o “fim da história” e, com isso, declarar a vitória total do capitalismo. Desde então são incansáveis e cada vez mais agressivas as ofensivas do capital sobre o trabalho cuja estratégia se baseia, sobretudo, na instalação de novos padrões de acumulação, na incorporação de novas formas de organização do trabalho e novas tecnologias aplicadas ao processo de produção. O custo social desse processo é a fragilização preocupante da classe trabalhadora, situação que, no plano imediato, parece dar razão àqueles que conclamam a morte da radicalidade marxiana. No entanto, as contraditoriedades decorrentes da hegemonia do capital no mundo contemporâneo, admitindo a mescla das mais distintas formas de dominação sobre o trabalho, desde uma intensificação avassaladora da extração de mais-valia relativa até o aniquilamento mais perverso do trabalhador pela mais-valia absoluta, permitem afirmar que Marx nunca esteve tão atual. É o que nos mostra Daniel Romero em seu livro *Marx e a técnica: um estudo dos manuscritos de 1861-1863*, publicado – na coleção *Trabalho e Emancipação* – pela Editora Expressão Popular em 2005.

Insurgindo-se contra alguns teóricos da sociologia do trabalho, que cada vez menos recorrem a Marx para nortear suas pesquisas – em geral reconhecidas à afirmação das “positividades” dos fenômenos recentes do capitalismo contemporâneo – Daniel Romero tem como objetivo compreender, à luz de um estudo rigoroso e conceitual das obras de Marx, a atual reestruturação produtiva.

Segundo o autor, o significado mais amplo deste mecanismo só pode ser entendido como a mais nova forma de subordinação do trabalho ao capital pelo uso cada vez mais freqüente do aparato tecnológico, através do qual, “[...] o capital recompõe a taxa de lucro no contexto de uma intensa luta contra a classe trabalhadora em nome da tecnificação da produção, da política e da vida social.” (ROMERO, 2005, p.12). Nesse sentido, o estudo empreendido por Daniel ancora-se na centralidade do trabalho, fundamento mais importante da crítica de Marx à instrumentalização ideológica do tecnicismo.

¹ Mestrando em Sociologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – 13081-970 – Campinas – SP – Brasil.

Para tanto, questões do tipo “qual a relação desenvolvida por Marx entre técnica, trabalho, ciência e capital?” compõem o ponto de partida da análise deste livro que só admite compreender a presença da técnica e da ciência no quadro de contradições advindas da relação entre capital e trabalho.

É nessa esteira de indagações que o autor persegue os clássicos de Marx, como *Miséria da filosofia*, o *Manifesto do Partido Comunista*, os *Grundrisse*, *O Capital*. Recorre ainda a outros textos menos conhecidos de Marx, como os *Manuscritos de 1861-1863* que constituem a ligação entre os *Grundrisse* e *O Capital*, importante porque ora constitui momentos de transição do pensamento de Marx, ora anuncia a redação final de *O Capital*.

Tais manuscritos aparecem neste interessante livro de Daniel Romero como uma espécie de laboratório no qual Marx realiza estudos preliminares acerca da ciência e da técnica. Mas já é possível compreender que Marx não concebe um estudo sistemático, exegético sobre esses temas porque, para ele, as questões tecnológicas, que envolvem ciência e técnica, só aparecem quando aplicadas à produção, como categorias derivadas do capital. Em outras palavras, como formas de “subsunção do trabalho ao capital”, isto é, como meio de exploração e controle do trabalho.

Portanto, a questão de fundo em que se sustentam as idéias de Daniel Romero é a relação desenvolvida entre trabalho vivo e trabalho morto.

Essa relação aparece desde o primeiro capítulo, no qual o autor faz uma exposição genérica, traçando o percurso histórico e cronológico, das formas com as quais aparecem, nas obras de Marx, alguns conceitos (categorias), tais como maquinaria, ciência, técnica e capital.

O segundo capítulo tem como objetivo analisar os principais capítulos d’*O Capital* que formam a tríade de estudos sobre processo de trabalho. Por meio da investigação específica desses três capítulos, Daniel Romero demonstra como a expansão do capitalismo se desenvolveu em duas fases. A primeira tem a ver com a “subsunção formal”, que representa:

[...] emergência de novas relações de hegemonia e subordinação, caracterizada pela substituição das relações pessoais de dominação por relações mercantis de dominação, em que a função/posição social do indivíduo (capitalista, trabalhador ou proprietário de terra) parte da combinação dos elementos na produção (capital, trabalho e terra) (ROMERO, 2005, p.75).

A segunda fase da expansão do capitalismo para Daniel Romero tem a ver não só com a subsunção formal, que é a “generalização do valor” e a “mercantilização do trabalho objetivado”, mas com a própria gênese do capitalismo como modo específico

de produção. Trata-se, portanto, do surgimento do grande “monstro mecânico”, da “força demoníaca” da Grande Indústria.

Assunto do terceiro e último capítulo, a Grande Indústria representa, na verdade, o ensejo da “subsunção real” do trabalho ao capital por meio da dominação surgida com o uso da aplicação tecnológica da ciência ao processo de produção. Dito de outra forma, a técnica não é apenas um instrumento do processo de trabalho “[...] mas um instrumento do processo de valorização, implicando e determinando uma relação específica de domínio e de exploração do trabalhador.” (ROMERO, 2005, p.124). Assim, com a máquina e a aplicação tecnológica da ciência,

[...] o capital não apenas define o ritmo de trabalho, mas materializa a presença do capitalismo no processo de trabalho. O despotismo do capital assume uma forma real, intervém concretamente numa forma automática, a máquina ciclópica, que substitui o trabalhador enquanto responsável pela atividade do processo de trabalho (ROMERO, 2005, p.174).

É por essa razão que Daniel refuta o conceito de progresso tecnológico no capitalismo na medida em que seu significado real sempre se vincula à maior extração de sobre-trabalho. Afinal, a autonomização dos instrumentos de trabalho frente ao trabalhador representa de fato a sua subsunção real ante ao capital. Destarte, a relação entre ciência, técnica e capital só pode ser entendida de acordo com a totalidade do capital, tendo em vista não apenas as suas forças despertadas durante o processo de produção e reprodução do sistema, mas as conseqüências nefastas sobre o trabalhador.

Com isso, “a obra de Marx”, assinala Daniel Romero (2005, p. 209).

[...] nos leva a não ter nenhuma confiança nas teses que afirmam que o futuro estará pautado por um avanço inexorável das forças produtivas, processo em que a transição aparece esvaziada e alheia às contradições entre capital e trabalho, apenas preparando o terreno para a permanência dessas contradições.

Concluindo, o novíssimo livro de Daniel Romero, *Marx e a Técnica: um estudo dos manuscritos de 1861-1863* além de ser um vigoroso estudo analítico e conceitual de algumas obras de Marx, dedicando-se, sobretudo, às questões que envolvem as relações contraditórias entre capital, trabalho, técnica e ciência, é acima de tudo uma boa provocação aos teóricos da sociologia do trabalho, demonstrando-lhes a atualidade da crítica marxiana e a urgência da transição socialista.

ROMERO, D. **Marx e a técnica**: um estudo dos manuscritos de 1861-1863. São Paulo: Expressão Popular, 2005.